

Gonçalo ou o Exemplo do Serviço

Gonçalo Ribeiro Telles é uma referência da sociedade portuguesa pela ligação que sempre soube estabelecer entre a cidadania e o exercício apaixonado da sua profissão de arquitecto paisagista.

“O homem desempenha na modelação da paisagem um papel muito importante; pode ser considerado, neste aspecto, como um autêntico criador de beleza”

GONÇALO RIBEIRO TELLES

REVISTA CIDADE NOVA, 1956, IV SÉRIE, 4

Nunca o vimos indiferente em relação a qualquer tema relevante que pudesse ser discutido entre nós. E quando a defesa do ambiente e da qualidade de vida era ainda algo muito distante e exótico relativamente às preocupações imediatas, por muito que o tema começasse a ser discutido no início dos anos setenta com crescente projecção comunicacional, a verdade é que desde sempre, a partir das origens do Centro Nacional de Cultura, nos distantes anos quarenta e cinquenta, e da “Cidade Nova”, Gonçalo Ribeiro Telles pôs a tónica na dignidade da pessoa humana inserida numa natureza respeitada e equilibrada. Daí que não seja estranho que o encontremos, e a muitos dos seus amigos mais chegados, como Henrique Barrilaro Ruas ou Luís Coimbra, em movimentos alargados na defesa da liberdade e da democracia. Dir-se-ia que é natural essa ligação e esse caminho de abertura e de inconformismo. Liberdade e tradição estão intimamente

ligados no magistério deste homem singular para quem o amor à terra e à História é algo tão natural como o acto de respirar. No entanto, para Gonçalo Ribeiro Telles a tradição não se confunde com o que se repete ou com qualquer inércia que se impõe contra o dever de completar e enriquecer pelo valor humano a herança recebida das gerações que nos antecederam. Tradição é tradição, isto é, a capacidade de transmitir generosamente o que cada geração herda e cria. Mas a tradição é, por essência, dinâmica – daí o movimento de dar e receber, enquanto a revolutio é o regresso ao mesmo ponto de partida, num movimento circular. O seu empenhamento monár-



POR
**Guilherme
d'Oliveira
Martins**

Presidente do Centro Nacional de Cultura.
Membro do conselho editorial de Nova Cidadania

quico deve-se a esta concepção genuína baseada na tradição. No entanto, Gonçalo Ribeiro Telles sempre se manifestou como um espírito livre para quem o mais importante são as pessoas e não os regimes formais. Daí o seu comunismo de base – e a sua capacidade para debater e reflectir com todos. A economia existe para as pessoas. As culturas tradicionais devem ser preservadas e protegidas – uma vez que correspondem àquilo que o tempo testou através do exemplo e da experiência. A sociedade constrói-se pela confluência fecunda entre a singularidade das pessoas e a entre-ajuda inerente ao bem comum. O livro que agora se apresenta dá-nos o percurso humano de Gonçalo Ribeiro Telles, cidadão atento, disponível, generoso, capaz de fazer do diálogo entre o homem e a natureza algo de vivo e perene. Nada lhe é indiferente, como já dissemos; e com que entusiasmo o vemos, ainda agora, abraçar as causas que realmente valem a pena. Na cidade continua a bater-se pelos corredores verdes, pelos quintais, por um urbanismo que ponha as pessoas em primeiro lugar. No campo, compreendendo Portugal como um rico continente em miniatura, como Orlando Ribeiro ensinou, continua a pugnar pelo respeito do que nos foi legado desde tempos imemoriais. Permitam-me que invoque especialmente o muito que o Centro Nacional de Cultura lhe deve. Gonçalo Ribeiro Telles é o elo que nos liga à primeira geração do Centro, fundado por António José Seabra, Afonso Botelho e Gastão da Cunha Ferreira, num tempo em que Almada Negreiros e Fernando Amado ligaram cultura e teatro, conferências e debates, convívio e reflexão. Depois, foi o tempo de Sophia de Mello Breyner, de Francisco de Sousa Tavares, de António Alçada Baptista – até à presença luminosa e criativa de Helena Vaz da Silva... Gonçalo foi uma presença permanente e activa no CNC, nunca deixando que a cultura fosse de mera circunstância. E foi assim que a cultura no Centro Nacional de Cultura se tornou ciente de que a criatividade e a ecologia andam a par, como uma ética pública de liberdade e responsabilidade, de cidadania e de respeito da dignidade humana.

Muito devemos a Gonçalo Ribeiro Telles – por isso é com legítimo orgulho que continuamos a contar com a sua presença e o seu conselho, como mestre da liberdade e do serviço, da dignidade e do humanismo. ■